

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# ASSOCIATIVISMO NA COMUNIDADE SÃO REMO: FINANCIAMENTO, PARTICIPAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA

Sara Martin Xavier

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13158>

Submetido em: 2025-09-02

Postado em: 2025-09-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## ASSOCIATIVISMO NA COMUNIDADE SÃO REMO: FINANCIAMENTO, PARTICIPAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA

SARA MARTIN XAVIER

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5446-2564>

saramartinxavier@usp.br

Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil

**RESUMO:** As análises feitas neste trabalho resultam da pesquisa de Mestrado da autora, que investiga experiências participativas de moradores da São Remo, comunidade vizinha à Cidade Universitária da USP, em ações coletivas diversas no território. Por meio de observações de campo e pesquisa em redes sociais, foram mapeados, em 2023, coletivos, associações e organizações da sociedade civil (OSCs) que desenvolvem atividades educacionais, políticas, esportivas, culturais e artísticas na São Remo. As experiências de participação dos envolvidos nas ações coletivas mapeadas foram investigadas por meio da realização de 27 entrevistas compreensivas e da aplicação de questionários socioeconômicos. Neste trabalho em específico, discutem-se as variadas situações dos diversos atores do associativismo da São Remo em relação aos recursos financeiros, fontes e formas de financiamento e geração de renda. Os coletivos, associações e OSCs mapeados enfrentam dificuldades de formalização, profissionalização, financiamento e dependência de capitais financeiros e humanos externos. Chama atenção que metade dos entrevistados gera renda nas atividades participativas e para 5 deles trata-se da sua única fonte de renda. No entanto, às dificuldades de formalização e profissionalização dos grupos, soma-se a informalidade laboral, que atinge 12 entrevistados e está historicamente enraizada na economia popular brasileira.

**Palavras-chave:** associativismo; periferia; participação; financiamento; trabalho.

## ASSOCIATIVISM IN THE SÃO REMO COMMUNITY: FUNDING, PARTICIPATION, AND INCOME GENERATION

**ABSTRACT:** The analyses conducted in this paper stem from the author's Master's research, which investigated the participatory experiences of residents of São Remo, a community neighboring USP's University Campus, in various collective actions in the territory. Through field observations and social media research, were mapped, in 2023, collectives, associations, and civil society organizations that develop educational, political, sports, cultural, and artistic activities in São Remo. The participatory experiences of those involved in the mapped collective actions were investigated through 27 comprehensive interviews and the administration of socioeconomic questionnaires. This specific paper discusses the varied situations of the various actors within São Remo's associativism regarding financial resources, sources and forms of financing, and income generation. The

collectives, associations, and organizations mapped face difficulties in formalization, professionalization, financing, and dependence on external financial and human capital. It is noteworthy that half of the interviewees generate income through participatory activities, and for five of them, this is their sole source of income. However, the difficulties of formalization and professionalization of the groups are compounded by informal labor, which affects 12 interviewees and is historically rooted in the Brazilian popular economy.

**Keywords:** associativism; periphery; participation; financing; work.

## INTRODUÇÃO

Os dados discutidos neste paper provêm da pesquisa de Mestrado da autora<sup>1</sup>, que ainda está em andamento e tem como objeto de investigação as experiências participativas de moradores da São Remo no associativismo da comunidade. O objetivo da pesquisa foi mapear as ações coletivas desenvolvidas no território da São Remo e investigar as experiências de participação dos entrevistados nas ações coletivas mapeadas, identificando suas motivações, configurações, objetivos e formas de organização.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de quatro procedimentos de pesquisa, todos realizados no ano de 2023: 1) mapeamento das ações coletivas da São Remo; 2) observação participante; 3) entrevistas compreensivas (FERREIRA, 2014); e 4) questionários socioeconômicos. Primeiramente, foi feito um mapeamento das ações coletivas e das práticas de participação da São Remo a partir de observação participante e de pesquisa em redes sociais. Foram mapeadas ações coletivas de natureza diversa - educacionais, políticas, esportivas, ambientais, artísticas, culturais, filantrópicas e religiosas - que vão desde coletivos culturais, grupos religiosos, coletivos políticos e associação de moradores até projetos sociais, OSCs, equipamentos públicos e projetos de extensão da USP. As entrevistas compreensivas e a aplicação de questionários socioeconômicos foram desenvolvidas para investigar as experiências participativas de 27 jovens e adultos moradores da São Remo envolvidos com as práticas mapeadas<sup>2</sup>.

As ações coletivas desenvolvidas na São Remo foram mapeadas a partir de conversas com moradores e lideranças locais e de pesquisas no Instagram, no Facebook e nos sites dos projetos, coletivos e organizações. Dentre elas, para fins específicos deste paper, destacam-se:

---

<sup>1</sup> Mestrado em andamento na Faculdade de Educação da USP sob orientação do Prof. Dr. Felipe de Souza Tarábola, com apoio de bolsa CAPES. A pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação da USP (Processo n. 074.1/2024).

<sup>2</sup> As identidades dos entrevistados citados neste trabalho estão protegidas por pseudônimos.

## 1) Associação Metodista Livre Agente (AMLA)

A Associação Metodista Livre Agente é uma OSC que realiza projetos recreativos e educacionais, principalmente, direcionados ao público infanto-juvenil. A AMLA está ligada à Igreja Metodista Livre, uma igreja evangélica histórica de origem japonesa cuja sede se localiza no bairro Saúde e que possui uma igreja filial na São Remo, a Igreja Metodista Livre da São Remo (IMLSR). A AMLA e a IMLSR funcionam no mesmo prédio. Atualmente, a AMLA tem patrocínio da Missão Aliança, uma OSC cristã estrangeira, e recebe doações de pessoas físicas, principalmente de membros da Igreja Metodista Livre da Saúde.

Além de ser a OSC com melhor estrutura física do território, também é a que tem mais recursos humanos. São 12 funcionários ao todo, além de uma diretoria composta por 6 membros: coordenador geral, coordenador pedagógico, funcionário da comunicação, assistente administrativo, cinco educadores, cozinheira, auxiliar de limpeza e um oficinairo de circo. Quase todos os funcionários são contratados sob o regime CLT, exceto o coordenador geral, o funcionário da comunicação e o oficinairo, que prestam serviços como MEI (Microempreendedor Individual). Os membros da diretoria são voluntários. Dos 12 funcionários, 6 são (ou já foram) moradores da São Remo: coordenador pedagógico, funcionário da comunicação, uma das educadoras, assistente administrativo, cozinheira e auxiliar de limpeza. Dos 6 membros da diretoria, apenas um é morador da São Remo, sendo todos os outros membros da Igreja Metodista Livre da Saúde.

Os principais projetos promovidos pela AMLA são o Projeto Girassol, projeto de reforço escolar e atividades socioeducativas no contraturno escolar; o Papo Jovem, projeto de orientação vocacional e apoio financeiro a estudos de ensino superior e de cursinho pré-vestibular para jovens da São Remo por meio de doações de membros da Igreja Metodista Livre da Saúde; e o MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), projeto de alfabetização de jovens e adultos em convênio com a Prefeitura de São Paulo.

## 2) Alavanca

O Alavanca é uma OSC fundada em 2004 por uma intercambista alemã da Faculdade de Economia e Administração da USP, que chegou ao Brasil em 2003. Ela começou o projeto dando aulas de reforço escolar para crianças da São Remo que frequentavam o campus da Cidade Universitária da USP. Em 2006, o terreno da organização foi comprado e o prédio foi construído com patrocínios do Rotary Club e do Consulado Alemão. Em 2009, o Alavanca fez uma parceria

com o governo alemão para envio de voluntários intercambistas. O Alavanca também oportunizou que vários jovens da São Remo fizessem intercâmbio na Alemanha. Em 2010, a fundadora entregou a coordenação geral do projeto para moradores da comunidade assumirem a continuação do projeto. Porém, em 2013, o projeto paralisou suas atividades devido ao fim dos recursos doados pela Alemanha, retomadas apenas em 2014, quando o sócio-fundador e atual coordenador do Alavanca, Tiago, morador da São Remo, assumiu a organização. Atualmente, o Alavanca é patrocinado pela Ultragaz e pela Fundação Instituto de Administração (FIA), relacionada à Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP), além de ter uma parceria com o Instituto de Biociências da USP.

O projeto principal do Alavanca é de acompanhamento pedagógico e reforço escolar para crianças e adolescentes no contraturno escolar. Pode-se considerar que o Alavanca é a segunda OSC mais estruturada da São Remo, depois da Associação Metodista Livre Agente: possuem uma sede própria e uma equipe de 5 pessoas, formada por dois coordenadores, uma educadora, uma funcionária administrativa e uma auxiliar de limpeza. Os dois coordenadores são voluntários, enquanto as outras três funcionárias são contratadas sob regime CLT. Apenas o coordenador Tiago e a educadora são moradores da São Remo.

### 3) Associação de Moradores da São Remo

A Associação de Moradores da São Remo tem mais de 40 anos e possui um espaço físico próprio. A chapa de direção é formada por seis membros, todos moradores voluntários: presidente, vice-presidente, fiscal, tesoureiro, primeiro-secretário e segunda-secretária. As principais atividades da Associação de Moradores são distribuição de cestas básicas, resolução de problemas da comunidade, acolhimento de demandas dos moradores, busca de parcerias e doações para a comunidade e realização de eventos de interesse da população. A Associação de Moradores faz parcerias pontuais, mas não possui nenhum patrocínio ou financiamento fixo.

### 4) Escolinha Catumbi de Futebol

A Escolinha Catumbi de Futebol é um projeto social de futebol criado em 2014, voltado para o público infanto-juvenil e desenvolvido no campo de futebol da São Remo. O projeto, que atende aproximadamente 100 alunos entre 4 e 21 anos, tem objetivo de promover educação, lazer e integração comunitária por meio do esporte. Há 5 membros fixos na organização, todos voluntários e moradores da São Remo: o líder e treinador Diego, sua filha Laura, responsável pelas funções

administrativas, e mais três professores. Eles têm uma pequena sede no campo de futebol da São Remo, usada para o armazenamento dos materiais esportivos. O projeto não conta com nenhum patrocínio fixo, apenas apoios ocasionais.

#### 5) Centro Cultural Riacho Doce

O Centro Cultural Riacho Doce (CCRD) é um centro cultural fundado e liderado pelo mestre de capoeira Rafael, morador da São Remo e único responsável pelo projeto. A sua principal atividade é o projeto social de capoeira, que atende aproximadamente 60 crianças e jovens. O projeto não gera renda para ninguém e não conta com nenhum patrocínio fixo, apenas parcerias pontuais. O Centro Cultural Riacho Doce possui uma sede própria em um espaço alugado.

#### 6) REComunidade

A REComunidade é uma produtora musical, sediada em espaço próprio, que começou em 2021 como coletivo cultural de produção audiovisual de artistas periféricos. O coletivo é composto por 10 integrantes, sendo quase todos moradores da São Remo. O coletivo está passando por um processo de profissionalização, transformando-se em algo que poderia ser definido como um negócio de impacto social, com o lema “Amplificando a Potência Musical da QueBRada da São Remo para o Mundo”.

Além de ter uma tabela social de valores, a produtora realiza um evento chamado Corujão, no qual grava gratuitamente músicas de artistas que não conseguem pagar o serviço de produção musical. Em 2022, a REComunidade foram contemplada pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo com um projeto de gravação gratuita de música autoral inédita e webclipe para 10 cantores periféricos maiores de idade da São Remo ou da Zona Oeste. O projeto também envolveu a realização de rodas de conversa sobre direitos autorais, negritude, LGBTfobia e marketing digital. No momento, a produtora não está contemplada por nenhum edital.

#### 7) Ideologia fatal

O Ideologia Fatal é uma banda de hip-hop criada em 1995, formada por três moradores da São Remo. Eles criaram, em 2014, o projeto Sarau Composição Urbana - que tem atualmente financiamento da Lei de Fomento à Cultura da Periferia - no qual promovem saraus culturais na São Remo orientados, principalmente, ao público infante-juvenil, com temas variados: hip-hop, esporte, danças urbanas, educação antirracista, teatro, violência doméstica, saúde mental, valorização das

culturas popular, periférica, latina, africana e indígena, etc. O grupo não possui sede própria, então depende de parcerias que cedem espaços para a realização dos seus eventos e oficinas. O edital Fomento à Cultura da Periferia financia os eventos e atividades e gera renda para os membros do grupo.

Eles também foram contemplados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) em 2022 com o projeto educativo “Somando na Quebrada: hip-hop nas escolas”, que visa auxiliar no desenvolvimento social e educacional de crianças e jovens da São Remo e minimizar as desigualdades sociais, raciais e de gênero através da realização de oficinas de hip-hop, rap, poesia, literatura, esporte e danças urbanas em escolas, OSCs e instituições educacionais da São Remo e arredores.

## **RECURSOS MATERIAIS E FINANCEIROS**

Em relação aos recursos financeiros, há uma grande variedade de situações entre as associações, organizações, projetos e coletivos mapeados. Os que contam com melhor situação financeira são as associações e organizações que têm apoio de patrocinadores e doadores fixos, como a Associação Metodista Livre Agente e o Alavanca, que são mais estruturadas e formalizadas por possuírem CNPJ e estatuto. Depois, muito menos amparadas materialmente, estão as associações, coletivos e projetos que possuem apoios pontuais e provisórios, como a Escolinha Catumbi de Futebol, ou que estão contemplados por editais públicos, que não conferem estabilidade a longo prazo, como o grupo Ideologia Fatal. Por último, as situações financeiras mais precárias são daqueles que não contam com nenhum apoio financeiro de editais, patrocinadores ou doadores, que, em geral, não são formalizados (não possuem CNPJ e estatuto), como o Centro Cultural Riacho Doce, ou estão com a documentação irregular, como é o caso da Associação de Moradores.

A Associação Metodista Livre Agente possui, nas palavras do seu coordenador geral, uma “estrutura bastante privilegiada”. A AMLA tem patrocínio da Missão Aliança, uma OSC cristã estrangeira, e recebe doações fixas de fiéis da Igreja Metodista Livre da Saúde, que apadrinham o projeto, além de fazer arrecadação através da nota fiscal paulista, o que só é possível por ser uma organização formalizada e regularizada com CNPJ. A AMLA é a OSC com melhor estrutura física da São Remo. A sede da AMLA, cujo terreno foi comprado e o edifício construído por meio de doações de um filantropo haitiano e que foi recentemente reformada, possui dois andares e uma ampla estrutura com salas de aula, sala de projeção de vídeo, arena de teatro, biblioteca,

brinquedoteca, sala de informática, pátio externo, jardim, salão multiuso e sala de reuniões. Chama atenção que a sede da AMLA é um dos poucos terrenos da São Remo que têm escritura. Além disso, a AMLA é a OSC da São Remo com maior número de funcionários.

No entanto, em várias organizações e coletivos, como a Associação Metodista Livre Agente e o Alavanca, a forte dependência de recursos financeiros e humanos externos obstaculiza a construção de autonomia por parte da comunidade em relação ao seu associativismo e às suas ações coletivas comunitárias. No caso da Associação Metodista Livre Agente (AMLA), enquanto a maior parte dos funcionários e educadores que realizam trabalhos remunerados são da São Remo, apenas um membro da diretoria da organização, formada por seis voluntários, é moradora da São Remo, ocupando o cargo de segunda-secretária. Os outros cinco membros da diretoria são fiéis da Igreja Metodista Livre da Saúde (igreja sede da Igreja Metodista Livre da São Remo) e não moram na São Remo. O coordenador pedagógico da AMLA afirmou em sua entrevista que um dos objetivos da diretoria da AMLA é que ela seja composta apenas por moradores da São Remo. O pastor da IMLSR, que também é funcionário da comunicação da AMLA, explicou que ele busca incentivar a participação dos moradores da São Remo que frequentam a Igreja nas atividades da AMLA para criar um senso de propriedade dos moradores em relação à Associação.

Chama atenção que mesmo que a Igreja Metodista Livre da São Remo (IMLSR) ocupe o mesmo espaço físico que a Associação, os fiéis da Igreja Metodista Livre da Saúde se envolvem mais com a AMLA do que os próprios fiéis da IMLSR, moradores da São Remo. O coordenador-geral da AMLA explicou também que a Associação tenta, por meio do projeto Papo Jovem, de financiamento de ensino superior para jovens da São Remo, capacitar e qualificar alguns moradores da comunidade para que possam ocupar cargos superiores na organização da Associação, como estratégia de desenvolvimento de autonomia da comunidade na gestão da AMLA.

A segunda-secretária da diretoria da AMLA - único membro da diretoria que mora na São Remo - relatou que o maior desafio da sua participação na diretoria é que os outros membros pertencem a classes sociais superiores. O distanciamento social e cultural fica nítido em alguns momentos da sua entrevista. Ela explicou que os outros membros da diretoria que não moram na São Remo entendem a realidade da comunidade, mas não a sentem na pele - “é diferente você entender e você sentir”. No entanto, ela reiterou que essa distância social não diminui o valor e a importância do trabalho filantrópico realizado por eles.

Depois da AMLA, é possível considerar que o Alavanca é a OSC da São Remo mais conhecida e com maior estrutura, ainda que já em dimensões muito menores. A sede do Alavanca ocupa um edifício alto, de quatro andares pequenos conectados por uma estreita escada caracol: no térreo, está a sala administrativa e uma pequena biblioteca; nos andares de cima, estão as salas de aula. No entanto, embora o Alavanca tenha bons recursos materiais e financeiros, se comparados aos de outras associações, organizações e projetos do território, com espaço físico próprio, equipe de funcionários fixos, CNPJ regularizado e patrocínios estáveis, a organização ainda enfrenta desafios financeiros. O coordenador Tiago conta que, no passado, o Alavanca possuía muito mais recursos e protagonismo na comunidade, porque recebia patrocínios alemães e apoios de grandes empresas, como a Volkswagen e o Rotary Club. Hoje, o Alavanca conta com patrocínios da Ultragas e da FIA, mas Tiago explica que esses recursos não são suficientes para que o projeto alcance a mesma dimensão que tinha no passado. Seriam necessários mais patrocínios e doações para aumentar a equipe de funcionários, capacitá-los e desenvolver outros projetos.

Assim como a AMLA, o Alavanca também passou por uma considerável dependência de recursos humanos e financeiros externos à São Remo e até internacionais e agora está em uma tentativa de autonomização e reestruturação da organização. Tiago, coordenador do Alavanca, conta que a organização foi fundada por uma intercambista alemã e que quando ela voltou para a Alemanha e deixou a organização a cargo dos próprios moradores, o projeto acabou criando dívidas e fechando, em partes devido ao fim dos patrocínios alemães que sustentavam o projeto enquanto a fundadora o gerenciava. Ele relatou as dificuldades do processo de reabertura do projeto, que envolveu pagamento de dívidas, reforma do prédio e esforço de reconquistar a confiança da comunidade. Segundo Tiago, o Alavanca até hoje não voltou a ter a dimensão e a estrutura que tinha no passado, tendo muito menos voluntários e alunos do que antes, devido à falta de apoio financeiro:

No passado, tinha financiamento do governo alemão. A Angela Merkel, a primeira-ministra da Alemanha, veio no Brasil. Tem uma foto dela dando uma Kombi para o Alavanca. Então era uma outra história, era um outro Alavanca, não era o Alavanca de hoje, que não tem o poder que tinha no passado e o protagonismo na própria comunidade. (Tiago, 42 anos, homem preto, servidor público concursado do Hospital das Clínicas, coordenador do Alavanca)

As associações, coletivos e projetos que recebem apoios pontuais e provisórios, não patrocínios fixos como nos casos acima, possuem condições materiais muito menos vantajosas e

estáveis. O grupo Ideologia Fatal, por exemplo, está contemplado pelo edital Fomento à Cultura da Periferia com o projeto Sarau Composição Urbana, que é o segundo edital do grupo, já tendo antes sido contemplado pelo edital VAI, em 2022, com o projeto Somando na Quebrada. A participação gera renda aos envolvidos por meio do edital Fomento à Cultura da Periferia, mas trata-se de um financiamento provisório e pontual, não de uma fonte de renda estável. Os membros precisam conciliar as atividades participativas com outros trabalhos para completar a renda. Quando indagados em suas entrevistas sobre as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento dos projetos, eles não reclamaram explicitamente da falta de recursos financeiros. Inclusive, relataram que, com os editais, conseguiram integrar alguns membros de suas famílias para ajudá-los na realização dos projetos, gerando renda para esses familiares também. No entanto, os editais são financiamentos provisórios; logo, dependerão da aprovação futura em novos editais para a continuidade dos projetos. Além disso, o Ideologia Fatal não tem espaço físico próprio, o que faz com que dependam de parcerias que cedem espaços para a realização de suas atividades e eventos. O grupo tem, assim, uma grande dependência tanto de parcerias quanto de editais.

À dependência dos editais, está relacionada uma série de outras limitações impostas por questões técnicas e burocráticas. A produtora REComunidade e o grupo Ideologia Fatal relataram que precisaram recrutar jovens para poder concorrer a editais públicos que exigem que o proponente seja jovem. Os membros do grupo de hip-hop Ideologia Fatal explicaram que os seus projetos dependem do financiamento de editais públicos, mas que ser contemplado por um edital implica a necessidade de realização de certos processos técnicos e burocráticos que eles não dominam, como a prestação de contas e a escrita do projeto para concorrer aos editais. Eles têm dificuldades para escrever os projetos e adequá-los às exigências dos editais, o que faz com que muitas vezes terceirizem essas funções, seja por meio da contratação de alguém para fazer esse serviço ou da ajuda de outros coletivos, grupos e projetos que têm mais familiaridade com esses processos.

Já a Escolinha Catumbi de Futebol conta apenas com parcerias e apoios eventuais, não com formas estáveis de financiamento. Os membros entrevistados explicaram que não conseguem mais promover a tradicional festa de aniversário do projeto e a premiação anual por falta de verba para custear os eventos. Também relataram a necessidade de recursos para colocar gramado e grades do campo de futebol. Além disso, na Escolinha Catumbi de Futebol faltam recursos até mesmo para a compra de uniformes, lanches para as crianças e materiais básicos de treino, como bolas e coletes.

Na falta de patrocinadores, o líder do projeto, Diego, que tem uma renda mensal individual de 2 a 3 salários mínimos, usa recursos próprios para promover as atividades.

A ajuda da comunidade é fundamental nos casos dos projetos mais informais que não têm CNPJ nem patrocinadores, como no caso do Centro Cultural Riacho Doce. Os coletivos e projetos contam com o apoio solidário e com a ajuda mútua dos moradores. No Centro Cultural Riacho Doce, que tem espaço físico próprio, mas alugado, o mestre Rafael arrecada e vende óleo e faz rifas na comunidade para pagar o aluguel. No entanto, Rafael, que tem uma renda mensal individual de até um salário mínimo, conta que muitas vezes precisa tirar dinheiro do próprio bolso para completar o valor do aluguel. Ele conta que cada mês é uma “viração”:

Amanhã eu tenho que pagar esse aluguel. Eu tô com um videogame ali que amanhã eu vou acordar cedinho pra comprar a rifa, rodar nos dez cantos dessa favela e vender essa rifa pra pagar o aluguel até a noite. No mês passado foi do mesmo jeito: meu aluno mais velho faz bolo, faz chocolate: “Rafael, vou doar um ovo, você vende a rifa”. Em dois dias, mano, vendi essa rifa aí. (Rafael, 39 anos, homem pardo, professor de capoeira, fundador e mestre de capoeira do Centro Cultural Riacho Doce)

A formalização se apresenta como um obstáculo para o Centro Cultural Riacho Doce e para a Escolinha Catumbi de Futebol: o fato de não possuírem CNPJ torna mais difícil conseguir patrocínios e doações e impossibilita a arrecadação por meio do imposto de renda:

Os maiores desafios é você querer fazer algo e não ter dinheiro ou condições de fazer aquilo. Hoje mesmo, se eu tiver que fazer um trabalho com a categoria sub 13, um exemplo, eu tenho 30 alunos, eu dividiria em duplas, então eu teria que ter 15 bolas. Eu não tenho 15 bolas, então já me limita. Então hoje a nossa maior dificuldade é não ter o nosso documento [CNPJ], pra gente conseguir colaboradores pra injetar dinheiro do imposto de renda. Se você não tem documento, você não consegue esse tipo de parceiros. Tamo tentando e é uma dificuldade, porque hoje, um exemplo, é 2000 reais pra montar [o CNPJ], nós não temos esse valor. E por não ter documento, a gente não consegue trazer patrocinadores. (Diego, 49 anos, homem preto, assessor do núcleo de esportes e projetos de um CEU, líder e técnico da Escolinha Catumbi de Futebol)

O *Censo Vizímbançã USP* fez um mapeamento das instituições e grupos da São Remo e aponta diversas dificuldades práticas e burocráticas decorrentes da falta de personalidade jurídica:

Cerca de 54% das instituições e grupos (20 dos 37 mapeados) possuem personalidade jurídica. Os demais, sobretudo os times de futebol, não são formalizados. Ainda que não seja a situação da maioria, é alto o percentual dos informais (46%), o que sinaliza limites para a ampliação da atuação, bem como para a efetivação de algumas parcerias e o acesso a recursos públicos ou privados. Especialmente

porque a formalização é um requisito necessário para a realização de convênios com órgãos públicos, recebimento de doações, disputa de editais, ou mesmo para uso de equipamentos e participação em competições esportivas. [...] Essa limitação fica evidenciada quando se considera as informações sobre a captação de recursos, nas quais o voluntariado aparece como a modalidade principal, seguido do financiamento de empresas e pessoas físicas via doações, tanto entre atores individuais quanto entre atores coletivos formais e informais. Entre os que estão formalizados, eventos, convênios, editais e leis de incentivo também são formas acionadas. Com relação aos informais, são os recursos dos próprios integrantes (por meio de vaquinhas ou mensalidades) que subsidiam as intervenções, além da realização de eventos. [...] A baixa incidência de formas mais burocratizadas de acesso a recursos públicos e privados, que exigem a regularização de documentos e a escrita de projetos, também pode ser relacionada às principais dificuldades apontadas pelos entrevistados, principalmente entre os atores coletivos. Para esses, a insuficiência de recursos financeiros ou materiais, a falta de uma sede ou de espaço adequado para a realização das atividades e a ausência de respostas do poder público aparecem no topo das reclamações. (SILVA; GROSSMANN, 2021, p. 182-183).

A informalidade dos coletivos, associações e projetos se relaciona, direta ou indiretamente, com a informalidade laboral, que atinge boa parte da população brasileira e dos sujeitos participantes da pesquisa (44%). A pesquisa Coletiva Jovem (CORROCHANO; TARÁBOLA, 2023), que investigou empreendimentos e coletivos de jovens periféricos de São Paulo, sublinha que o trabalho informal e precário não é novidade no Brasil, onde a formalização se apresenta como desafio tanto para os que trabalham por conta própria quanto para os coletivos, e chama atenção para as dificuldades dos coletivos se formalizarem e consolidarem, dificuldades estas enfrentadas em grande medida pela formação de redes de apoio mútuo entre os diversos coletivos. Costa (2022) e Corrochano e Tarábola (2023) ajudam a compreender que a tradicional viração, a informalidade e o trabalho por conta própria fazem parte da história das classes populares brasileiras, que sempre transitaram entre a formalidade e a informalidade, entre o trabalho assalariado e o trabalho por conta própria: o trabalho formal e a proteção social sempre foram uma exceção na história do Brasil.

Os entrevistados que mais destacaram desafios financeiros foram, no entanto, o presidente e a secretária da Associação de Moradores da São Remo, que não conta com o apoio de nenhum patrocínio ou financiamento. Embora seja formalizada com CNPJ, a Associação de Moradores da São Remo está com a documentação irregular devido a dívidas, o que também dificulta a aquisição de financiamentos e patrocínios e prejudica a credibilidade da Associação frente à comunidade. A falta de responsabilidade e transparência na sucessão das chapas de gestão da Associação gerou um acúmulo de problemas em um efeito dominó envolvendo dívidas, irregularidades na documentação e perda de credibilidade frente à comunidade. Isso faz com que, no período de eleições, a Associação tenha dificuldades até mesmo de encontrar pessoas interessadas em se candidatar. Alguns

entrevistados criticaram a desorganização da Associação e opinaram que ela precisa se estruturar melhor para ser tratada com mais seriedade.

## **O CASO DA RECOMUNIDADE: DE COLETIVO A NEGÓCIO DE IMPACTO SOCIAL**

No caso da produtora REComunidade, uma produtora musical com fins lucrativos, que pode ser vista como um negócio de impacto social, uma das maiores aspirações profissionais dos membros é viver integralmente da arte, sem precisar conciliar o trabalho na produtora com outros empregos para completar a renda. A meta é que a produtora se torne a única fonte de renda dos seus membros e que eles consigam ascender socialmente por meio do trabalho artístico. Gustavo, uma das lideranças da produtora REComunidade, explicou que a produtora começou como coletivo audiovisual e está em processo de profissionalização, buscando permitir que os seus membros e os artistas produzidos por eles consigam sobreviver materialmente apenas do trabalho artístico musical, trabalhar com o que gostam e viver da arte:

Eu sempre trabalhei CLT também em paralelo com a arte e a cultura. Porque a arte é foda meu: você não ganha grana, mas parece que é terapia pra alma. Mas a gente tá mudando esse pensamento, hoje em dia a gente realmente pensa em profissionalizar. [...] A galera [da REC] é tudo periférico, mano, da arte assim... é o que te dá prazer, é o que a gente acredita. O grande sonho é um dia a gente se sustentar só daqui, sabe. [...] Meu, o objetivo principal [da REC] é a gente conseguir fazer a galera que tá no entorno viver da arte, sabe. Acho que esse seria o maior sonho: ver a galera conseguindo empreender mesmo, fazer a galera ter a sua arte valorizada. Até porque a arte sofre muito preconceito, porque “ah, não dá grana”, não sei o que lá. Então o objetivo é quebrar essa barreira e mostrar que dá pra galera ganhar grana. A gente, como produtores periféricos, também tamo na mesma luta: dar uma dignidade pra nossa família, ter acesso às coisas de qualidade e inspirar mais pessoas com resultado. As pessoas só acreditam em resultado. A gente tem que influenciar as pessoas, mover essa corrente positiva de mais exemplos bons, sabe. Então é esse o desafio, o maior objetivo. [...] A gente tá buscando fazer coisas para realmente mudar a vida da galera [dos artistas que eles produzem] a outro nível e a nossa vida também. A gente tá nessa busca porque é o que a gente gosta de fazer. (Gustavo, 40 anos, homem preto, educador no CCINTER Santa Dulce, produtor musical na produtora REComunidade)

No entanto, os entrevistados participantes da produtora mencionaram uma série de dificuldades relacionadas à profissionalização do coletivo e ao objetivo de sobreviver da música. Gustavo, inclusive, continua conciliando o trabalho como produtor musical na produtora com o trabalho como arte-educador no Centro de Convivência Intergeracional (CCINTER) Santa Dulce<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> O CCINTER Santa Dulce é um equipamento público de promoção à cultura e proteção social ligado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Cidade de São Paulo e localizado na São Remo.

que lhe garante um salário fixo e estabilidade financeira, o que a produtora ainda não consegue oferecer. Ele explica que trabalhar com música exige paciência e é um investimento “a longo prazo”, porque “tem que esperar uma música bater, mas é trabalho duro, trabalho diário, esperar uma música bater”.

O foco da produtora REComunidade atualmente é se profissionalizar para que eles consigam viver da música. Gustavo explica que é preciso empreender e se qualificar para conseguir entrar na indústria da música. A tarefa, no entanto, não é simples e eles enfrentam muitos desafios no processo: os altos custos dos cursos de formação profissional e dos equipamentos audiovisuais tornam difícil concorrer com grandes produtoras, já que a profissionalização exige a capacitação dos membros por meio da realização de cursos de produção musical, edição de vídeo, marketing digital, etc. Gustavo argumentou que ainda que o avanço da tecnologia e a internet tenham democratizado o trabalho de produção musical - “A favela tem o acesso, né: você hoje em dia com um PCzinho, um computador, uma placa de áudio e um microfone, você tá gravando, cara!” -, o mais difícil é “lutar com gigantes” na distribuição do conteúdo produzido. Além disso, ainda que a REComunidade tenha o objetivo de se tornar uma empresa autossustentável financeiramente, eles ainda se denominam como coletivo para poder concorrer aos editais:

A REC começou como um coletivo. Hoje em dia, a gente já tá migrando pra que seja uma empresa. Mas é híbrido, né, porque tem algumas demandas de editais, então a gente acaba sendo um coletivo, né, porque tá aqui junto, tá fazendo reunião, tá todo mundo ganhando igual, tudo transparente. (Gustavo)

A produtora REComunidade é, assim, um exemplo do movimento de surgimento de coletivos artísticos periféricos como alternativa de geração de renda frente aos empregos precários, alienados, de baixa remuneração, qualificação e gratificação pessoal aos quais os trabalhadores periféricos são submetidos no mercado de trabalho. No entanto, Corrochano e Laczynski (2022) e Tommasi (2018) mostram que esses coletivos organizados em redes de cooperação e autogestão, ainda que permitam aos participantes maior satisfação pessoal, autonomia, reconhecimento e trabalhar com o que gostam, também são marcados por diversas condições de precariedade, como informalidade laboral, jornadas de trabalho extensas, instabilidade financeira, ausência de seguranças e direitos trabalhistas e necessidade de conciliar fontes de renda complementares.

A produtora REComunidade apresenta dificuldade em formalizar o trabalho dos participantes, que são remunerados informalmente. Além disso, os entrevistados explicaram que os horários de trabalho ainda não estão bem organizados e muitas vezes trabalham até depois do horário estabelecido. Os relatos dos membros da produtora REComunidade mostram que apesar da informalidade laboral, da ausência de proteções trabalhistas, da instabilidade financeira e da flexibilidade desorganizada dos horários de trabalho, eles decidiram apostar no empreendedorismo cultural em detrimento do mercado de trabalho formal convencional, que, apesar de garantir estabilidade e proteções trabalhistas, costuma submeter os trabalhadores pobres, moradores de comunidades, a postos de trabalho degradantes, opressores e desvalorizados e a posições hierárquicas inferiores e subordinadas. Eles escolheram seguir trajetórias alternativas que lhes permitem trabalhar com o que gostam e lhes oferecem valorização social, protagonismo, satisfação pessoal e reconhecimento, em contraste com as suas experiências de trabalho formal assalariado, nas quais sentem que os seus esforços e habilidades não foram devidamente reconhecidos e valorizados. Assim, apesar das dificuldades e precariedades laborais, os entrevistados da produtora REComunidade são motivados por fatores simbólicos, afetivos e subjetivos, como a busca de realização pessoal, de reconhecimento de suas habilidades artísticas, de valorização social e da possibilidade de viver da arte e transformar a música na sua profissão.

## **GERAÇÃO DE RENDA**

Uma série de pesquisas têm chamado atenção para o crescimento da atuação de coletivos culturais e artísticos periféricos - principalmente na cidade de São Paulo, graças à difusão de editais de financiamento, como o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e a Lei de Fomento à Cultura da Periferia - como alternativas de geração de emprego e renda diante da precarização do trabalho e dos direitos sociais pelas políticas neoliberais no Brasil (CORROCHANO; LACZYNSKI, 2022; CORROCHANO; TARÁBOLA, 2023; CORROCHANO; TOMMASI, 2020; D'ANDREA, 2022; ESTEVES; PEREIRA; SPINK, 2019; TOMMASI, 2018).

Para aqueles entrevistados que geram renda nas atividades participativas realizadas, a geração de renda aparece como um dos fatores - mas não o único - que motivam a participação. 15 dos 27 entrevistados têm ganhos financeiros a partir da participação: para 5 deles a atividade participativa é a única fonte de renda, enquanto os outros 10 conciliam a renda gerada nas práticas participativas com outras fontes de renda.

Para analisar as experiências de geração de renda no associativismo da São Remo, é preciso considerar um contexto de desemprego e subemprego que atinge os moradores da comunidade e ganha relevância principalmente na juventude, etapa de instabilidades, dúvidas, incertezas e angústias. Os jovens entrevistados relataram uma série de aflições em relação ao futuro, ao desemprego e às escassas oportunidades de trabalho. Eles evidenciaram que o contexto de desemprego, precarização do trabalho e desvalorização do diploma é ainda mais sensível entre os moradores periféricos, relegados no mercado de trabalho a subempregos e trabalhos informais. Mesmo os jovens entrevistados que fizeram ensino superior relataram longos períodos de desemprego e dificuldades de encontrar empregos que correspondessem ao seu nível de qualificação.

É importante compreender como esse contexto se relaciona e se retroalimenta com o fenômeno da criminalidade nas periferias. A criminalidade aparece como alternativa atraente diante da exclusão no mercado de trabalho e da precariedade dos postos de trabalho aos quais os moradores de comunidades são relegados: esses trabalhos mal remunerados, desvalorizados e subalternos não fornecem o poder aquisitivo e o status social que a criminalidade lhes oferece. O crime permite à juventude periférica alcançar os bens de consumo que ela tem poucas oportunidades de conquistar por vias legais. Diante do abandono do Estado e da falta de oportunidades de empregos dignos e de ascensão social, a ilegalidade se constrói como via alternativa para realizar desejos de consumo e conferir algum nível de status, notoriedade, reconhecimento e protagonismo dentro da comunidade.

A ostentação de símbolos de consumo, como motos, sapatos, relógios e roupas de marca, se constrói nas periferias de São Paulo como fonte de status para uma juventude com escassas oportunidades de acesso aos estudos e a empregos dignos e bem remunerados: já que os trabalhos precários e subalternos aos quais os jovens periféricos estão, com frequência, destinados não dão esperança de se inserir na corrida do consumo, os jovens encontram no crime um caminho mais possível e mais rápido de acesso à ascensão social e aos bens de consumo (COSTA, 2022; D'ANDREA, 2022).

Dito isto, é possível analisar e compreender como as práticas participativas em torno da arte, da cultura e do esporte apareceram nas narrativas dos entrevistados como uma terceira via, um caminho alternativo de resistência à criminalidade e aos postos de trabalho de baixa remuneração e gratificação pessoal. D'Andrea (2022) evidencia que a produção artística e cultural passou a ser uma forma de sobrevivência material e profissionalização nas periferias, fomentada principalmente por

cursos de capacitação e editais oferecidos por políticas públicas, ONGs e iniciativas privadas. Considerando que as atividades ilícitas e ilegais se apresentam como uma das principais alternativas de geração de renda para os jovens periféricos diante da exclusão social e do racismo sofridos no mercado de trabalho e da falta de oportunidades educacionais, a arte, a cultura e o esporte surgem como alternativas lícitas, dignas e emancipatórias de trabalho e geração de renda.

As experiências participativas dos entrevistados, no entanto, não se baseiam apenas em objetivos econômicos: elas têm, em sua maioria, o engajamento comunitário e político como marca, identificam-se como periféricas e tentam apresentar soluções aos problemas e necessidades da São Remo, ainda que não sejam essencialmente coletivos políticos. A maior parte dos coletivos, projetos, associações e organizações mapeados misturam trabalho, ativismo, solidariedade, lazer, cultura e arte nas suas práticas participativas comunitárias, combinando objetivo de geração de renda e propósito de transformação social. Além disso, vários desses grupos se organizam em redes de cooperação, apoio e solidariedade e adotam princípios e valores do trabalho associado e da economia solidária (CORROCHANO; LACZYNSKI, 2022; ESTEVES; PEREIRA; SPINK, 2019), como a autogestão, a definição coletiva das atividades e das responsabilidades de cada um, a partilha dos resultados e o aprendizado coletivo, como é o caso da produtora REComunidade.

É interessante observar que vários dos entrevistados que não geram renda a partir da participação ou que geram renda, mas que também têm outras fontes de renda, trabalham na mesma área de atuação da atividade participativa, seja arte, cultura, educação ou esporte. Rafael, fundador e mestre de capoeira do Centro Cultural Riacho Doce, por exemplo, não gera renda a partir do seu projeto social de capoeira, mas trabalha há anos como educador infantil de capoeira. A sua renda provém do trabalho como professor de capoeira em escolas particulares e em condomínios residenciais: “Hoje em dia eu sou profissional, eu sou educador, eu vivo, eu como, eu bebo, eu visto da capoeira” (Rafael, 39 anos, homem pardo). Rafael vive a capoeira como um estilo de vida, não só como uma fonte de renda ou uma atividade participativa comunitária. Ou seja, a sua atuação como capoeirista envolve diversas dimensões da sua vida e da sua trajetória, tanto profissional, quanto participativa e identitária. Para ele, a capoeira é um projeto de vida e faz parte da sua identidade e do seu estilo e filosofia de vida, que implicam em um sistema de valores e ideologias.

Muitos desses entrevistados que trabalham na mesma área de atuação dos seus coletivos, projetos e associações ou que têm a atividade participativa como única fonte de renda relataram, em suas entrevistas, que uma das maiores motivações para a participação é a oportunidade de trabalhar

com o que gostam, com a arte, o esporte e a cultura, e poder viver disso. Nas experiências participativas desses entrevistados, participação, lazer, ação coletiva, trabalho e geração de renda se misturam nas mesmas práticas, reiterando as análises feitas por Livia Tommasi (2018) e por Maria Carla Corrochano e Felipe Tarábola (2023). Nas suas entrevistas, eles reafirmaram diversas vezes que gostam do que fazem e desejam conseguir sobreviver materialmente e ascender socialmente a partir do trabalho artístico, esportivo e cultural. Muitos dos entrevistados que geram renda a partir da participação, mas precisam conciliá-la com outras fontes de renda, porque não conseguem sobreviver financeiramente apenas da atividade participativa exercida, têm como objetivo sustentar-se apenas do trabalho nos coletivos, organizações e projetos dos quais participam. Este é o caso principalmente dos membros da produtora REComunidade, como comentado anteriormente.

No entanto, ainda que lazer, entretenimento e trabalho se misturem nas experiências participativas de vários entrevistados que geram renda a partir das atividades participativas realizadas e que trabalham com a arte, a cultura e o esporte, é importante perceber que eles se misturam, mas não se confundem. O trabalho envolve um conjunto de obrigações e responsabilidades que não está presente nas atividades de lazer.

Além disso, é importante fazer outra observação sobre o caso dos entrevistados que têm como fonte de renda a participação em coletivos, projetos e organizações que prestam serviços sócio-assistenciais: o trabalho social é um estilo de vida que implica um nível de envolvimento que ultrapassa a dimensão do trabalho e o objetivo de geração de renda. Mesmo nos casos em que os entrevistados geram renda a partir das suas ações participativas, a geração de renda não é a única motivação para a participação, porque o envolvimento vai muito além do que exige um trabalho comum. O objetivo da participação, assim, não é apenas material, mas também ser um agente de transformação na comunidade, trabalhar com o que gostam, entre outras motivações que não cabem no escopo deste paper.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa de Mestrado da autora, que deu origem aos dados e às análises aqui discutidos, teve como objetivo central investigar as experiências participativas de jovens e adultos moradores da comunidade São Remo em ações coletivas diversas no território, identificando suas motivações, dificuldades, objetivos, dinâmicas internas de organização e estratégias de atuação.

Os coletivos, associações, projetos e organizações mapeados enfrentam dificuldades de formalização, profissionalização, financiamento e dependência de capitais financeiros e humanos externos. Apesar da diversidade de contextos vividos por esses grupos, eles compartilham, de alguma forma, obstáculos em relação a recursos financeiros e a financiamentos, principalmente no caso dos projetos e coletivos que não estão formalizados com CNPJ e que não contam com apoio financeiro constante e estável de patrocinadores.

Em relação à geração de renda no associativismo da São Remo, os resultados expostos dialogam com as pesquisas que indicam o surgimento de uma nova cultura de trabalho em torno dos coletivos culturais e artísticos periféricos e do empreendedorismo cultural periférico como alternativas de geração de renda e como forma de resistência ao mercado de trabalho que submete os moradores periféricos a ocupações subalternas, precárias e mal remuneradas (CORROCHANO; LACZYNSKI, 2022; CORROCHANO; TARÁBOLA, 2023; ESTEVES; PEREIRA; SPINK, 2019; TOMMASI, 2018). No entanto, como indicam os resultados desta pesquisa, com frequência, o trabalho nesses coletivos, associações e organizações também é marcado pela informalidade, pela instabilidade e pela baixa remuneração.

Para muitos entrevistados, as experiências participativas e laborais estão intimamente ligadas, combinando ativismo, arte, cultura e trabalho. Eles valorizam a possibilidade de trabalhar com o que gostam e desejam viver apenas do trabalho artístico, esportivo, cultural e comunitário, sem precisar conciliá-lo com outras fontes de renda, mas encontram muitos obstáculos e dificuldades para realizar esse objetivo.

## REFERÊNCIAS

CORROCHANO, Maria Carla; LACZYNSKI, Patrícia. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas críticas**, Brasília, v. 27, p. 1-19, 2021.

CORROCHANO, Maria Carla; TARÁBOLA, Felipe de Souza. Neoliberalismo, trabalho e pandemia: experiências e enfrentamentos de jovens das periferias. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 44, 2023.

CORROCHANO, Maria Carla; TOMMASI, Livia de. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, 34 (99), 2020.

COSTA, Henrique Bosso da. **Um lugar ao sol: utopia e sofrimento no empreendedorismo popular paulistano.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2022.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo.** São Paulo: Editora Dandara, 2022.

ESTEVES, Egeu Gómez; PEREIRA, Cleberson da Silva; SPINK, Peter Kevin. Conexões da Zona Sul: Mapeamento participativo de atores, ações e relações solidárias. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 19, n. 1, p. 1-18, 2019.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, 2014.

SILVA, Eliana Souza; GROSSMANN, Martin (coord.). **Censo vizinhança USP: características domiciliares do Jardim São Remo e Sem Terra.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

TOMMASI, Livia de. Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras. **Hermes Journal of Communication**, v. 1, n. 13, p. 167-196, 2018.

**DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:** O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

**FINANCIAMENTO:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

**CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:** Sara Martin Xavier é a única autora do texto.

**DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:** A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

**MINIBIOGRAFIA DA AUTORA DO PAPER**

Sara Martin Xavier: mestranda em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP), com bolsa CAPES. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP).

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.